

DAVID, Leila Nivea Bruzzi Kling David; DOMINICK, Rejany dos Santos (Orgs). Ciclos escolares e formação de professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. 228 p.

Rosimere de Almeida Aniceto*
Laeda Bezerra Machado**

O livro "Ciclos escolares e formação de professores", publicado pela editora Wak, tem como organizadoras as professoras-pesquisadoras Leila Nivea Bruzzi Kling David e Rejany dos Santos Dominick. A obra reúne um conjunto de 11 capítulos produzidos por estudantes de graduação, professores e pesquisadores que atuam em universidades e escolas da rede pública de ensino. O livro é prefaciado pela professora Célia Linhares, que de uma forma poética procura traduzir o seu conteúdo. Há ainda uma breve apresentação do volume pelas organizadoras e um posfácio escrito pelo professor Waldeck Carneiro.

O primeiro capítulo "Máquinas, séries, navegações, redes e ciclos: metáforas para pensar e fazer a educação no mundo contemporâneo", escrito por Leila Nivea Bruzzi Kling David, Rejany dos Santos Dominick e Rose Clair Pouchain Matela, apresenta reflexões sobre a lógica dos sistemas seriado e de ciclos, as quais emergiram ao longo das vivências das autoras enquanto professoras formadoras do Programa de Formação Continuada, direcionado a professores da rede pública municipal da cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, a partir de 2004.

O referido capítulo discute os aspectos históricos do regime seriado associado à imagem da escola como uma máquina e, em seguida, faz uma abordagem sucinta acerca da proposta dos ciclos. David, Dominick e Matela corroboram que a seriação trouxe para o cerne das escolas "a ideia de tempo linear, homogêneo e progressivo". Noutras palavras, o tempo escolar na organização escolar seriada apresenta-se como fechado, modelar; um tempo modelo no qual o aluno deve aprender determinados conteúdos. As autoras deixam claro que o conhecimento escolar foi separado do conhecimento do mundo, passando a ser abordado de modo isolado, tornando-se, dessa forma, incapaz de responder aos avanços científicos, tecnológicos e das demandas socialmente relevantes em suas áreas de conhecimento. Reiteram que o processo de ensino aprendizagem no regime seriado tem como foco apenas o produto final, ou seja, a avaliação recai sobre resultados esperados.

Sobre a proposta dos ciclos, destacam que ela incorpora uma concepção global de sujeito, considerando a diversidade e os ritmos diferenciados no processo educativo, contrapondo-se à noção temporal em vigor na maioria das escolas. Os ciclos não são mera solução pedagógica, mas constituem uma forma de resistência à lógica excludente e seletiva da escola seriada. As autoras utilizam a metáfora de uma navegação para afirmar que é preciso "soltar as amarras e levantar âncoras", o que significa apostar em um novo modelo de escola, mesmo correndo risco de naufrágio, uma vez que a prática pode revelar limites e possibilidades de uma política pública voltada para inclusão social.

O segundo capítulo intitulado "Escola em ciclos no Brasil: aspectos históricos, panorama da situação atual e perspectivas para a pesquisa" é assinado por Jefferson Mainardes. Trata-se de uma síntese sobre a organização da escola em ciclos que focaliza aspectos históricos gerais sobre o tema, discussões sobre promoção automática nas décadas de 1950-60, experiências pioneiras de políticas de não reprovação (1958-1984), além de destacar que são entre os anos de 1980 e 1990 que surge um maior interesse das escolas em ciclos no Brasil. Revela dados sobre a situação atual dos ciclos no país, apontando que, conforme pesquisa realizada pelo MEC/INEP (2006), das escolas de Ensino Fundamental do Brasil, apenas 9,72% adotaram o regime de ciclos. O autor aponta brevemente as tendências e perspectivas da pesquisa sobre ciclos no Brasil, mostrando que é a partir do ano 2000 que há um alargamento considerável desses estudos e salientando a necessidade de um melhor entendimento das relações entre as políticas de ciclos e demais fenômenos como algo essencial para a investigação dos fatores históricos e contextuais relacionados a essas políticas no Brasil.

"A cultura escolar e a instituição de novas práticas escolares: desafios para a formação de professoras(es)" é o título do terceiro capítulo, escrito por Andréa Rosana Fetzner, que aborda as práticas escolares nos ciclos, tomando como base as discussões teóricas atinentes à cultura escolar.

* Mestranda do PPGE da UFPE. E-mail: meyre_kate@hotmail.com

** Professora do PPGE da UFPE. E-mail: laeda01@gmail.com

A autora critica a escola seriada, buscando compreender os fundamentos em que se assentam as práticas em relação a condutas, modos de vida, saberes escolares, saberes da experiência dos alunos, uso e distribuição do espaço, modos de pensar e ideias compartilhadas pela cultura escolar.

Cláudia de Oliveira Fernandes, no capítulo “A implantação dos ciclos e o ofício de ser professor” analisa a postura dos professores que trabalham em escolas organizadas em ciclos em relação ao seu compromisso com a escola e a aprendizagem de seus alunos. Apoiar-se em dados amostrais do SAEB (2001) para afirmar que, diferentemente dos docentes de escolas seriadas, os professores que atuam em escolas organizadas em ciclos demonstram maior compromisso com a escola e aprendizagem de seus alunos, bem como evidenciam ter uma “maior participação nos espaços e tempos coletivos de trabalho em contraste com o quadro de maior violência e de maior instabilidade no corpo docente no contexto geral em que foram implementados os ciclos”. (p. 116)

No quinto capítulo, Léa da Cruz, Leila Nivea Bruzzi Kling David e Rejany dos Santos Dominick abordam o trabalho de formação inicial e continuada de profissionais da rede pública municipal de Niterói. As autoras adotam uma configuração rizomática ao conhecimento, que se opõe à sua visão mecânica. Essa visão postula que existem diversas formas de conhecimento dialogando entre si. O texto relata dois importantes momentos vivenciados ao longo da proposta de formação de professores em Niterói: o primeiro é marcado pela construção de cadernos pedagógicos contendo as produções dos profissionais da Educação e o segundo momento de continuidade da produção escrita. Por fim, as autoras salientam que o desenvolvimento de projetos e o diálogo estabelecido com os profissionais de educação da rede pública municipal de Niterói têm possibilitado e potencializado a formação daquele grupo profissional.

Sidinéia Muniz Kaneko, no sexto capítulo, parte da premissa de que é possível a criação de uma escola pública inclusiva para as camadas populares. O capítulo apresenta uma discussão sucinta sobre a teoria de Bourdieu a propósito da reprodução social e cultural e traça um breve comentário acerca do fracasso escolar tomando como base as proposições teóricas de Perrenoud. No segundo momento do texto, a autora apresenta os resultados de uma pesquisa realizada numa escola pública municipal do Rio de Janeiro que identifica as representações sociais de sucesso escolar entre os atores escolares. Para os pais dos alunos, o sucesso escolar é adquirido com a apropriação da leitura e da escrita, noções de comportamento e disciplina, progressão nos estudos e alcance de vivências significativas. Para os alunos, o elemento que ganha relevância é

a obediência às regras combinadas em sala de aula e reforçadas pela família. Aparece também nos depoimentos das crianças a ideia de que para se obter um futuro melhor é preciso estudo e dedicação. Os professores afirmam que o sucesso escolar é obtido quando eles conseguem garantir que alunos se apropriem dos conhecimentos científicos, se desenvolvam intelectualmente, adquiram valores morais e culturais.

Uma proposta de Educação Inclusiva salientando o papel das Salas de Recursos de uma escola no Rio de Janeiro é o destaque do sétimo capítulo. Para as autoras, Márcia Maria e Silva e Gisele Chaffin, essas salas são tomadas como dispositivos que visam a propiciar uma melhor estrutura para o trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais. Em consonância com a proposta dos ciclos, a sala de recursos tem contribuído para tornar a escola um espaço democrático que acolhe e garante a permanência e aprendizagem de todos os alunos, sem distinção social, cultural, étnica, de gênero ou deficiência.

No capítulo seguinte, de autoria de Rita Serra Faeda, é discutido o modelo de regime seriado e seu caráter excludente. A autora desafia o leitor apresentando as seguintes questões: a escola em ciclos representa uma proposta democrática, sendo capaz de superar a lógica tecnicista? Ou trata-se apenas de uma mera ação política educacional, “na qual os professores ficarão excluídos dos bens culturais e materiais necessários à emancipação humana?” (p.178).

Nízia Ponte escreve o nono capítulo, “Pistas para pensar o currículo na perspectiva dos ciclos”, no qual aborda a visão de currículo presente na proposta dos ciclos. A autora tece uma crítica às discussões atinentes à organização da escolaridade em ciclos, pois segundo ela o debate está muito centrado na questão das mudanças na avaliação, o que de certa forma deixa de lado a questão do currículo nos ciclos. Em seguida, apresenta alguns comentários sobre o regime seriado, destacando sua concepção de currículo apoiada nas contribuições de Goodson (1997), Sacristán (2001) e Santomé (2001). Para a autora, o currículo pode ser tomado como um conjunto de experiências vivenciadas pelos autores educacionais, não podendo ser limitado apenas às questões de conteúdo. Mas, pressupõe “as relações, a organização dos tempos e dos espaços, bem como os mecanismos de mediação pedagógica e avaliação”. (p. 185).

O décimo capítulo, “Educação ambiental com jovens e adultos em uma escola em ciclos: uma experiência de trabalho baseada nas representações sociais”, é assinado por Fernanda Cosme da Costa. Nele, são apresentados resultados das vivências práticas realizadas ao longo do desenvolvimento do

projeto “As Artes de Fazer a Educação em Ciclos nas Escolas da Rede Municipal de Educação de Niterói: Memórias e Diálogos em Processos”. Os resultados demonstrados no capítulo revelam a possibilidade de se articular ludicidade e educação ambiental, a partir dos problemas e vivências dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O último capítulo do livro é denominado “Aprender-ensinar na formação do pedagogo-pesquisador e no 1º ciclo da educação básica: música, identidade, leitura e escrita”. As autoras, Daiane Meiriele da Silva Mota e Francielle do Nascimento Rodrigues, relatam experiências vivenciadas com uma turma do 2º ano do 2º ciclo da Escola Pública Municipal Paulo Freire, em Niterói. O projeto procurou resgatar músicas, cantigas de rodas, jogos e brincadeiras da cultura popular brasileira, além de desenvolver nos educandos os princípios básicos de cooperação, socialização, valorização da autonomia e da autoestima e o respeito às diferenças. Com a experiência, as autoras admitem que foi possível perceber mudanças concernentes à autoestima, participação dos alunos nas atividades realizadas, desenvolvimento do respeito ao próximo e aos processos de leitura e escrita.

O posfácio, escrito pelo professor Waldeck Carneiro, destaca que a atualidade do tema organização da escolaridade em ciclos como um dos assuntos mais discutidos no âmbito educacional e outras instâncias da sociedade brasileira. Ressalta a importância do livro para incrementar essa discussão, bem como seu caráter inovador ao tentar aproximar o debate sobre ciclos e formação de professores.

Enfim, o livro “Ciclos Escolares e Formação de Professores” reúne textos que estimulam o debate sobre as políticas de ciclos no Brasil e a questão da formação de professores, ambos de vital importância para esse debate. A obra apresenta um panorama histórico sobre a escola em ciclos, focalizando, além de reflexões sobre experiências desenvolvidas numa rede de ensino que muito contribuem para a construção de uma escola menos excludente e seletiva. Não obstante as contribuições do livro, cabe esclarecer que ainda são poucos os estudos que buscam pesquisar a questão da formação continuada dos professores na perspectiva da organização da escolaridade em ciclos. Essa constatação aponta para a necessidade de desenvolvimento de estudos que analisem os processos de formação continuada de professores inseridos nessa nova organização escolar, uma vez que os estudos têm mostrado que os ciclos têm trazido mudanças e desafios para os processos de ensino-aprendizagem e da avaliação.